

JUAN JOSÉ ARREOLA

CONFA BULÁRIO

TRAD. IARA TIZZOT



CURITIBA
2015

TRADUÇÃO **IARA TIZZOT**
REVISÃO **TATIANA IKEDA**
CAPA E PROJETO GRÁFICO **FREDE TIZZOT**

© 1963, Juan José Arreola
Hereditários de Juan José Arreola
Editorial Planeta Mexicana

© 2015, Editora Arte & Letra

Esta publicación fue realizada con el estímulo del Programa de Apoyo a la Traducción (PROTRAD) dependiente de instituciones culturales mexicanas.

Esta publicação foi realizada com o incentivo do Programa de Apoyo a la Traducción (PROTRAD) dependiente de instituições culturais mexicanas.

A774c Arreola, Juan José
Confabulário / Juan José Arreola ; tradução Iara Tizzot. –
Curitiba : Arte & Letra, 2015.

168 p.

ISBN 978-85-60499-70-0

1. Literatura mexicana. 2. Conto. I. Tizzot, Iara. II. Título.

CDU 821.134.2(72)

ARTE & LETRA EDITORA

Alameda Presidente Taunay, 130b. Batel
Curitiba - PR - Brasil / CEP: 80420-180

Fone: (41) 3223-5302

www.arteeletra.com.br - contato@arteeletra.com.br

SUMÁRIO

De memória e esquecimento 5

CONFABULÁRIO

Parturient montes 13

Em verdade vos digo 17

O rinoceronte 23

A aranha 27

O guarda-chaves 31

O discípulo 41

Eva 45

Rústico 47

Sinésio de Rodes 51

Monólogo do insubmisso 55

O prodigioso miligrama 59

Nabónides 69

O farol 73

In memoriam 75

Baltasar Gérard 79

Baby H. P. 83

Anúncio 87

...mudo espio enquanto alguém voraz me observa.

...mudo espio enquanto alguém voraz me observa.

...mudo espio enquanto alguém voraz me observa.

CONFABULÁRIO

...mudo espio enquanto alguém voraz me observa.
CARLOS PELLICER

O RINOCERONTE

Durante dez anos lutei com um rinoceronte; sou a esposa divorciada do juiz McBride.

Joshua McBride me possuiu durante dez anos com imperioso egoísmo.

Conheci seus arrebatamentos de furor, sua ternura momentânea e, nas altas horas da madrugada, sua luxúria insistente e cerimoniosa.

Renunciei ao amor antes de saber o que era, porque Joshua me demonstrou com alegações judiciais que o amor é só uma história que serve para entreter as criadas. Ofereceu-me em troca sua proteção de homem respeitável. A proteção de homem respeitável é, segundo Joshua, a máxima ambição de toda mulher.

Dez anos lutei corpo a corpo com o rinoceronte, e meu único triunfo consistiu em arrastá-lo ao divórcio.

Joshua McBride casou de novo, mas desta vez se enganou na escolha. Buscando outra Elinor, foi dar com a sua alma gêmea. Pamela é romântica e doce, mas sabe o segredo que ajuda a vencer os rinocerontes. Joshua McBride ataca de frente, mas não pode virar-se com rapidez. Quando alguém se coloca de repente a suas costas, tem que girar para voltar a atacar. Pamela o pegou pelo rabo e não o solta e o sacode. De tanto

girar, o juiz começa a dar mostras de fadiga, cede e amolece. Tornou-se mais lento e opaco em seus furores; seus discursos perdem veracidade, como em lábios de um ator desconcertado, sua cólera não sai já à superfície. É como um vulcão subterrâneo, com Pamela sentada em cima, sorridente. Com Joshua, eu naufragava no mar; Pamela flutua como um barquinho de papel em uma bacia. É filha de um Pastor prudente e vegetariano que lhe ensinou a maneira de conseguir que os tigres se tornem também vegetarianos e prudentes.

Há pouco vi Joshua na igreja, ouvindo devotadamente os ofícios dominicais. Está encolhido e comprimido. Parece que Pamela, com suas duas mãos frágeis, esteve reduzindo seu volume e dobrando sua espinha. Sua palidez de vegetariano lhe dá um suave aspecto de enfermo.

As pessoas que visitam os McBride me contam coisas surpreendentes. Falam de umas comidas incompreensíveis, de almoços e jantares sem rosbife; descrevem-me Joshua devorando enormes travessas de salada. Naturalmente, de tais alimentos não pode extrair as calorias que davam energia a suas antigas cóleras. Seus pratos favoritos têm sido metodicamente alterados ou suprimidos por implacáveis e austeras cozinheiras. O patagrás e o gorgonzola já não envolvem em sua gordurosa pestilência o carvalho esfumado da sala de jantar. Foram trocados por insípidos cremes e queijos sem cheiro que Joshua come em silêncio, como um menino castigado. Pamela, sempre amável e sorridente, apaga o charuto de Joshua pela metade, raciona o tabaco do seu cachimbo e restringe seu uísque.

Isto é o que me contam. Sinto prazer em imaginar os dois sozinhos, jantando na mesa estreita e comprida, sob a luz fria dos candelabros. Vigiado pela sábia Pamela, Joshua

o glutão absorve colérico seus leves manjares. Mas, sobretudo, eu gosto de imaginar o rinoceronte em pantufas, com o grande corpo informe sob o roupão, chamando a altas horas da madrugada, tímido e persistente, frente a uma porta obstinada.

provável, parecia aumentar seu ressentimento. Escapava-se sempre de prateleira em prateleira, subia às vezes as escadinhas e constringia o jovem sob uma chuva de afrontas. Por sorte, na derrota, algo acudiu em auxílio do jovem. Lembrou-se de repente de Heinz Wólpe. Sua voz adquiriu, citando este autor, um novo e poderoso acento.

“No princípio só havia um sexo, evidentemente feminino, que se reproduzia automaticamente. Um ser medíocre começou a surgir em forma esporádica, levando uma vida precária e estéril frente à maternidade formidável. No entanto, pouco a pouco foi se apropriando de certos órgãos essenciais. Houve um momento em que se fez imprescindível. A mulher se deu conta, muito tarde, de que lhe faltavam já a metade de seus elementos e teve necessidade de buscá-los no homem, que foi homem em virtude dessa separação progressista e desse regresso accidental a seu ponto de origem”.

A tese de Wólpe seduziu a moça. Olhou para o jovem com ternura. “O homem é um filho que se comportou mal com sua mãe através de toda a história”, disse quase com lágrimas nos olhos.

Perdoou-o, perdendo a todos os homens. Seu olhar perdeu resplendores, baixou os olhos como uma madona. Sua boca, endurecida antes por desprezo, fez-se branda e doce como um fruto. Ele sentia brotar de suas mãos e de seus lábios carícias mitológicas. Aproximou-se de Eva tremendo e Eva não fugiu.

E ali na biblioteca, naquele cenário complicado e negativo, ao pé dos volumes de prolixa literatura, iniciou-se o episódio milenar, à semelhança da vida nas palafitas.

RÚSTICO

Ao virar a cabeça sobre o lado direito para dormir o último, breve e leve sono da manhã, dom Fulgêncio teve que fazer um grande esforço e chifrou o travesseiro. Abriu os olhos. O que até então foi uma ligeira suspeita, virou certeza pontiaguda.

Com um poderoso movimento do pescoço dom Fulgêncio levantou a cabeça, e o travesseiro voou pelos ares. Em frente ao espelho, não pôde ocultar sua admiração, convertido em um soberbo exemplar de touro com a nuca encaracolada e esplêndidas aspas. Profundamente inseridos na testa, os chifres eram embranquecidos na sua base, marmorizados na metade e de um preto acentuado nos extremos.

A primeira coisa que ocorreu a dom Fulgêncio foi experimentar o chapéu. Contrariado, teve que jogá-lo para trás: isso lhe dava um certo ar de fanfarrão.

Como ter chifres não é uma razão suficiente para que um homem metódico interrompa o curso de suas ações, dom Fulgêncio começou a tarefa de seu cuidado pessoal com os ornamentos, com minucioso esmero, dos pés à cabeça. Depois de lustrar os sapatos, dom Fulgêncio escovou ligeiramente seus chifres, já por si só resplandecentes.

Sua mulher lhe serviu o café da manhã com tato refinado. Nem um só gesto de surpresa, nem a mais mínima alusão que pudesse ferir o marido nobre e audacioso. Apenas uma suave e receosa olhada por um instante, como se não se atrevesse a pousá-la nas afiadas pontas.

O beijo na porta foi como o dardo da divisa. E dom Fulgêncio saiu para a rua escoiceando, disposto a lançar-se contra sua nova vida. As pessoas o cumprimentavam como de costume; mas ao dar-lhe passagem na calçada, um juvenzinho, dom Fulgêncio percebeu um giro cheio de gestos de toureiro. E uma velha que voltava da missa deu-lhe uma dessas olhadas estupendas, maliciosa e desdobrada como uma comprida serpentina. Quando o ofendido quis ir contra ela, a danada entrou em sua casa como o matador de touros detrás da barreira na tourada. Dom Fulgêncio deu um golpe contra a porta, fechada imediatamente, que lhe fez ver estrelas. Longe de ser uma aparência, os chifres tinham que ver com a última derivação de seu esqueleto. Sentiu o choque e a humilhação até a ponta dos pés.

Por sorte a profissão de dom Fulgêncio não sofreu nenhuma desonra nem decadência. Os clientes o procuravam entusiasmados, porque sua agressividade se fazia cada vez mais patente no ataque e na defesa. De terras distantes vinham os litigantes para buscar patrocínio de um advogado com chifres.

Mas a vida tranquila do povoado tomou ao seu redor um ritmo sufocante de tourada, cheia de brigas e confusões. E dom Fulgêncio embesta a torto e a direito, contra todos, por qualquer coisa sem importância. Para dizer a verdade, ninguém lhe jogava os chifres na cara, ninguém sequer os via. Mas todos aproveitavam a menor distração

para lhe pôr um bom par de bandarilhas; no mínimo, os mais tímidos se conformavam em fazer uns burlescos e floridos movimentos de cintura. Alguns cavaleiros de estirpe medieval não desdenhavam a ocasião de dar em dom Fulgêncio uma boa espetada, desde suas convencidas e honoráveis alturas. As serenatas do domingo e as festas nacionais davam motivo para improvisar ruidosas brincadeiras populares com a capa à base de dom Fulgêncio, que investia cego de ira, contra os mais atrevidos toureiros.

Enojado de lances de capa e passos de toureiro, constrangido com insolências, grosserias e humilhações, dom Fulgêncio chegou à hora da verdade muito ressabiado e perigosamente derrotado; convertido em uma besta feroz. Já não o convidavam para nenhuma festa nem cerimônia pública, e sua mulher se queixava amargamente do isolamento em que a fazia viver o mau caráter de seu marido.

À força de espetadas, agulhas e farpas, dom Fulgêncio desfrutava sangrias cotidianas e pomposas hemorragias dominicais. Mas todos os derramamentos lhe iam até dentro, até o coração inchado de rancor.

Seu grosso pescoço de Miúra fazia pressentir o instantâneo fim dos pletóricos. Rechonchudo e sanguíneo, seguia embestando em todas as direções, incapaz de repouso e dieta. E em um dia que cruzava a *Plaza de Armas*, trotando para a sua casa, dom Fulgêncio se deteve e levantou aturdido a cabeça, ao toque de um longínquo clarim. O som se aproximava, entrando em suas orelhas como uma tromba ensurdecadora. Com os olhos nublados, viu abrir-se ao seu redor uma praça de touros gigantesca; algo assim como um Vale de Josafat cheio de pessoas com trajes de toureiros. A congestão se fundiu logo em sua espinha dor-

sal, como uma estocada até a cruz. E dom Fulgêncio rodou patas para cima sem punhal.

Apesar de sua profissão, o notório advogado deixou seu testamento no rascunho. Ali expressava, em um surpreendente tom de súplica, a vontade póstuma de que ao morrer lhe tirassem os chifres, fosse à serra, cinzel ou martelo. Mas seu comovedor pedido se viu traído pela diligência de um carpinteiro oficioso, que lhe fez de presente um ataúde especial, provido de dois vistosos acréscimos laterais.

Todo o povoado acompanhou dom Fulgêncio até o cemitério, comovido pela lembrança de sua bravura. E apesar do auge de luto das oferendas, as exéquias e os trajes da viúva, o enterro teve um não sei que de jovial e risonha farsa.

SINÉSIO DE RODES

As páginas perturbadoras da *Patrologia grega* de Paul Migne sepultaram a memória frágil de Sinésio de Rodes, que proclamou o império terrestre dos anjos do acaso.

Com seu habitual exagero, Orígenes deu aos anjos uma importância excessiva dentro da economia celestial. Por sua parte, o piedoso Clemente de Alexandria reconheceu pela primeira vez um anjo da guarda a nossas costas. E entre os primeiros cristãos da Ásia Menor se propagou um afeto desordenado pelas multiplicidades hierárquicas.

Entre a massa obscura dos hereges angeólogos, Valentino o Gnóstico e Basílides, seu eufórico discípulo, emergem com brilho luciferino. Eles deram asas ao culto maníaco dos anjos. Em pleno século II quiseram levantar do chão pesadíssimas criaturas positivas, que levam belos nomes científicos, como Dínamo e Sofia, a cuja progênie brutal o gênero deve suas desgraças.

Menos ambicioso que seus predecessores, Sinésio de Rodes aceitou o Paraíso tal qual foi concebido pelos Padres da igreja, e se limitou a esvaziá-lo de seus anjos. Disse que os anjos vivem entre nós e que a eles devemos entregar diretamente todas as nossas orações, em sua qualidade de concessionários e distribuidores exclusivos das contingências

O FAROL

O que Genaro faz é horrível. Utiliza-se de armas imprevisíveis. Nossa situação se torna asquerosa.

Ontem, à mesa, contou-nos uma história de corno. Era na verdade engraçada, mas como se Amélia e eu pudéssemos rir, Genaro estragou-a com suas grandes gargalhadas falsas. Dizia: “Tem algo mais divertido?” E passava a mão pela testa, encolhendo os dedos como se estivesse procurando alguma coisa. Voltava a dar risada: “Como se sentirá sendo corno?” Não respeitava de maneira nenhuma nossa confusão.

Amélia estava desesperada. Eu tinha vontade de insultar Genaro, de dizer-lhe toda a verdade a gritos, de sair correndo e não voltar nunca mais. Mas como sempre, algo me detinha. Amélia, talvez, aniquilada com a situação intolerável.

Faz já algum tempo que a atitude de Genaro nos surpreendia. Estava se tornando cada vez mais tonto. Aceitava explicações incríveis, dava lugar e tempo para nossas mais disparatadas entrevistas. Fez dez vezes a comédia da viagem, mas sempre voltou no dia previsto. Abstínhamo-nos inutilmente em sua ausência. Na volta, trazia pequenos presentes e nos abraçava de modo imoral, beijando-nos

quase o pescoço, segurando-nos excessivamente contra seu peito. Amélia chegou a desmaiar de repugnância entre semelhantes abraços. No princípio fazíamos as coisas com temor, acreditando correr um grande risco. A impressão de que Genaro ia nos descobrir a qualquer momento, tinha nosso amor de medo e vingança. A coisa era clara e transparente nesse sentido. O drama flutuava realmente sobre nós, dando dignidade à culpa. Genaro pôs tudo a perder. Agora estávamos envoltos em algo turvo, denso e pesado. Amamo-nos sem vontade, entediados, como esposos. Adquirimos pouco a pouco o costume insípido de tolerar Genaro. Sua presença é insuportável porque não nos atrapalha; na verdade, facilita a rotina e provoca o cansaço.

Às vezes, o mensageiro que nos traz provisões diz que a supressão deste farol é um fato. Alegremo-nos Amélia e eu, em segredo. Genaro se aflige visivelmente. “Aonde iremos?”, nos diz. “Somos aqui tão felizes!” Suspira. Depois, procurando por meus olhos: “Você virá conosco, para onde quer que seja.” E fica olhando o mar com melancolia.

IN MEMORIAM

O luxuoso exemplar em formato grande com capas de couro decoradas em relevo, tênue cheiro de tinta recém-imprensa em fino papel de Holanda, caiu como uma pesada lápide mortuária sobre o peito da baronesa viúva de Büssenhausem.

A nobre senhora leu entre lágrimas a dedicatória de duas páginas, composta em reverentes unciais germânicas. Por conselho amistoso, ignorou os cinquenta capítulos da *História comparada das relações sexuais*, glória imperecível de seu defunto marido, e pôs aquele volume explosivo em um estojo italiano.

Entre os livros científicos redigidos sobre o tema, a obra do barão Büssenhausem se destaca de modo quase sensacional, e encontra leitores entusiastas em público cuja diversidade causa inveja até nos mais austeros homens de estudo. (A tradução abreviada em inglês foi um *best-seller*.)

Para os guardiões do materialismo histórico, este livro não é mais que uma inflamada refutação de Engels. Para os teólogos, o empenho de um luterano que desenha na areia do fastio círculos de esmerado inferno. Os psicanalistas, felizes, mergulham num mar de duas mil páginas de pretendida subconsciência. Trazem à superfície dados nefandos: Büssenhausem é o perverso que traduz em sua linguagem pessoal a história de uma alma atormentada pelas mais

UMA MULHER AMESTRADA

...et nunc manet in te...

Hoje me detive a contemplar este curioso espetáculo: em uma praça de subúrbio, um saltimbanco empoeirado exibia uma mulher amestrada. Embora a função se desse ao rés do chão e em plena rua, o homem dava a maior importância ao círculo de giz previamente traçado, segundo ele, com permissão das autoridades. Uma vez ou outra fazia os espectadores que ultrapassavam os limites dessa pista improvisada retrocederem. A corrente que ia da sua mão esquerda ao pescoço da mulher, não passava de um símbolo, já que o menor esforço haveria bastado para rompê-la. Muito mais impressionante era o chicote de seda frouxa que o saltimbanco sacudia no ar, orgulhoso, mas sem fazer um estalido.

Um pequeno monstro de idade indefinida completava o elenco. Golpeando seu tambor, dava fundo musical aos atos da mulher, que se reduziam a caminhar em posição ereta, a saltar alguns obstáculos de papel e resolver questões de aritmética elementar. Cada vez que uma moeda roda-

va pelo chão, havia um breve parêntesis teatral a cargo do público. “Beijos!”, ordenava o saltimbanco. “Não. A esse não. Ao cavalheiro que atirou a moeda.” A mulher não acertava, e uma meia dúzia de indivíduos se deixava beijar, arrepiados, entre risos e aplausos. Um guarda se aproximou dizendo que aquilo era proibido. O domador lhe estendeu um papel sebooso com selos oficiais, e o policial foi embora mal-humorado, encolhendo os ombros.

Para falar a verdade, as graças da mulher não eram do outro mundo. Mas acusavam uma paciência infinita, francamente anormal, por parte do homem. E o público sabe agradecer sempre tais esforços. Paga para ver uma pulga vestida; e não tanto pela beleza do traje, mas pelo trabalho que custou pô-lo. Eu mesmo fiquei longo tempo vendo com admiração um inválido que fazia com os pés o que muitos poucos poderiam fazer com as mãos.

Guiado por um cego impulso de solidariedade, tirei os olhos da mulher e pus toda a minha atenção no homem. Não há dúvidas que o sujeito sofria. Quanto mais difíceis eram as ordens, mais trabalho ele tinha para sorrir. Cada vez que ela cometia uma besteira, o homem tremia angustiado. Eu entendi que a mulher não lhe era de todo indiferente e que havia se afeiçoado a ela, talvez nos anos de sua tediosa aprendizagem. Entre ambos existia uma relação, íntima e degradante, que ia mais além de domador e fera. Quem aprofundar-se nela chegará indubitavelmente a uma conclusão obscena.

O público, inocente por natureza, não se dá conta de nada e perde os pormenores que saltam à vista do observador cuidadoso. Admira o autor de um fenômeno, mas não lhe importam suas dores de cabeça nem os detalhes monstruosos que pode haver em sua vida privada. Atém-se

simplesmente aos resultados, e quando lhe cai no gosto, não economiza seu aplauso.

A única coisa que posso dizer com certeza é que o saltimbanco, a julgar pelas suas reações, sentia-se orgulhoso e culpado. Evidentemente, ninguém poderia negar-lhe o mérito de haver amestrado a mulher; mas ninguém tampouco poderia aprovar a ideia de sua própria vileza. (Nesse ponto de minha meditação, a mulher dava cambalhotas em um estreito tapete de veludo desbotado.)

O guardião da ordem pública se aproximou novamente hostilizando o saltimbanco. Segundo ele, estávamos atrapalhando a circulação, quase o ritmo, da vida normal. “Uma mulher amestrada? Vão todos ao circo.” O acusado respondeu outra vez com argumentos de papel sujo, que o policial leu de longe com asco. (A mulher, enquanto isso, recolhia moedas no seu gorro de lantejoulas. Alguns heróis se deixavam beijar; outros se afastaram modestamente, entre dignos e envergonhados.)

O representante da autoridade foi embora para sempre, mediante a assinatura popular de um suborno. O saltimbanco, fingindo a maior felicidade, ordenou ao anão do tambor que tocasse um ritmo tropical. A mulher, que estava se preparando para um número matemático, sacudia o ábaco de cores como se fosse pandeiro. Começou a dançar com gestos descompostos dificilmente atrevidos. Seu diretor se sentia extremamente desapontado, já que no fundo do seu coração reduzia todas as suas esperanças na prisão. Abatido e furioso, repreendia a lentidão da bailarina com adjetivos sangrentos. O público começou a contagiar-se de seu falso entusiasmo, e todos batiam palmas e sacudiam o corpo. Para completar o efeito, e querendo tirar da situação

o melhor partido possível, o homem começou a bater na mulher com seu chicote de mentira. Então me dei conta do erro que estava cometendo. Pus meus olhos nela, simplesmente, como todos os demais. Deixei de olhar para ele, qualquer que fosse sua tragédia. (Nesse momento, mais lágrimas sulcavam seu rosto enfarinhado.)

Resolvido a desmentir as minhas ideias de compaixão e de crítica diante de todos, buscando em vão, com os olhos a permissão do saltimbanco, e antes que outro arrependido me tomasse a frente, saltei por cima da linha de giz para o círculo de contorções e cambalhotas.

Incitado por seu pai, o anão do tambor se soltou no instrumento, em um crescendo de percussões incríveis. Embalada por tão espontânea companhia, a mulher superou-se a si mesma e obteve um êxito estrondoso. Eu cadenciei meu ritmo ao seu e não perdi o pé nem pisada daquele movimento perpétuo, até que o menino deixou de tocar.

Como atitude final, nada me pareceu mais adequado do que cair bruscamente de joelhos.

PABLO

Uma manhã igual a todas, em que as coisas tinham o aspecto de sempre e enquanto o barulho dos escritórios do Banco Central se espalhava como uma chuva monótona, o coração de Pablo foi visitado pela graça. O caixa principal se deteve em meio às complicadas operações e seus pensamentos se concentraram em um ponto. A ideia da divindade encheu seu espírito, intensa e nítida como uma visão, clara como uma imagem sensorial. Um prazer estranho e profundo, que nas outras vezes havia chegado até ele como um reflexo momentâneo e fugaz, fez-se puro e durável e achou sua plenitude. Pareceu-lhe que o mundo estava habitado por inúmeros Pablos e nesse momento todos afluíam para seu coração.

Pablo viu Deus no princípio, pessoal e total, resumindo dentro de si todas as possibilidades da criação. Suas ideias voavam no espaço como anjos e a mais bela de todas era a ideia da liberdade, formosa e ampla como a luz. O universo, recém-criado e virginal, dispunha suas criaturas em ordens harmoniosas. Deus havia dado a vida, a quietude ou o movimento, mas havia ficado ele mesmo íntegro, inabordável, sublime. A mais perfeita de suas obras lhe era imensamente remota. Desconhecido em meio de sua